

O chão da clínica V♦

(Seminário Clínico EBP-Rio 2025)

O infantil é o riso

Marcus André Vieira

Fomos todos tomados pelo XII Encontro Americano de Psicanálise de Orientação Lacaniana (ENAPOL): *Falar com a criança*¹. Fiquei pensando em como dar algum lugar às ressonâncias desse encontro, aqui, neste seminário.

Para dar uma ideia um pouco mais panorâmica, resolvi propor uma conversa sobre aquilo com que estive mais diretamente envolvido, as conversações federativas - ou as conversações com a criança.

Neste espaço, na preparação da conversação, foi a clínica que deu o tom. Dois temas foram cruciais para fazer presente o real da clínica lacaniana nessas conversas, sem correr perigo de resvalar em uma sociologia lacaniana: em contraposição ao tema do encontro - *Falar com a criança* -, nossa proposta foi discutir o que estamos chamando de *criança* e o que estamos chamando de *falar*.

Gostaria de agradecer à Maria do Rosário do Rêgo Barros – que foi a apresentadora de uma dessas conversações - por ter aceitado o convite de comentar/reagir a este encontro.

Partiremos de duas contraposições que foram trabalhadas nas conversações.

1. Às modalidades que seguem na direção mais desenvolvimentista do ser criança - como um estado ou um momento em que se define uma posição subjetiva - buscamos contrapor o infantil - como um gozo que não tem idade; não envelhece e nunca se torna adulto. Esse infantil, portanto, rima com o *fora do tempo do inconsciente*. Promover o infantil a partir desse lugar do qual o gozo opaco - feminino ou o do sinthoma - se apresenta, é reconhecer que são todos primos de um real que vai estar sempre ali, mas que não se deixa datar e nem apreender por categorias.

♦ Texto redigido por Juliana Villa-Forte com base nas notas do autor e na transcrição do quinto encontro do Seminário Clínico da EBP-Rio, dia 16/09/2025. Versão final do autor.

¹ Encontro realizado em Belo Horizonte em setembro de 2025.

2. Às paixões tristes da cidade e dos algoritmos, contrapusemos *lalíngua*. De fato, em contraponto à multiplicidade de formações discursivas novas - os novos sintomas -, *lalíngua* não fala da criança, mas vibra do infantil, de uma multiplicidade viva de marcas de língua no corpo, como um alfabeto traçado no encontro com o Outro em cada um de nós. Com seu gozo especial, e sua alegria.

Fazer vibrar o infantil

No âmbito do real como infantil, o fazer vibrar *lalíngua* não se trata daquilo que, em geral, se atribui a criança – liberdade, verdade ou ingenuidade –, precisamos lembrar que *lalíngua* são marcas fixadas, escritas no corpo. São marcas da língua materna absorvidas através de fragmentos de inscrições de gozo do Outro.

Para se referir à *lalíngua*, Lacan recorre à metáfora da peneira¹: imaginem a língua materna como uma chuva suja, carregada de lama – evidentemente, a água do Outro não é limpa -, e o corpo da criança, como uma peneira. *Lalíngua* são os detritos da chuva/linguagem que ficam na peneira. Essa metáfora nos interessa pois afasta a noção de uma impressão – da ideia de que o Outro foi lá e “marcou” com as palavras dele –, se ficamos com essa versão, a criança permanece fixada no lugar de vitimizada, de traumatizada. O lugar da marca não diz uma coisa só - diz muitas. O Outro banha e, no que banha, deixa. E é com o que é deixado que a gente vive.

Estamos falando, portanto, de um infantil que não envelhece e que vibra, porém que não está livre, já que está ancorado em marcas. A análise vai em direção a uma capinagem, aragem desse terreno marcado pelo Outro, para se aproximar, assim, dos detritos que a língua deixa. Fazer análise é o que nos permitiria desfazer em certa medida a amarração fantasmática dessas marcas, possibilitando alguma liberação.

Acontecimento de corpo

Tomarei o passe de Maria Cristina Giraldo² para destacar, por um lado, como aquilo que é fixado como neurose infantil - o gozo da fantasia - é a chave de repetição; e, por outro, como a análise opera para liberar estas fixações, sem, no entanto, apagar o que está escrito no corpo por elas. Separa-se o gozo da fantasia, mas não das letras fixadas na carne em nossos encontros com o Outro – é isso que faz vibrar o corpo.

O Outro de MC Giraldo, encarnado em sua mãe, era “de ferro”. Para que MC e seu irmão não chupassem o dedo ao dormir, suas mãos eram atadas. Quando

conseguiram se desvencilhar à noite, acordavam com pimenta e alho nos dedos. E se ainda assim insistissem, calhas de gesso eram usadas para impedi-los.

Vemos como ela é produto de seu meio quando realiza o ideal do “bebê Johnson”: faz de tudo para ser a criança e a mulher “perfeita”, e também para apagar a mancha negra que marca a família - inclusive casando-se com um homem branco “europeu”. Bebê Johnson foi nome que ela encontra em análise para definir sua estruturação fantasmática: é o ideal que responde à pergunta “o que o Outro quer de mim”. O trabalho de uma análise não será fazer sumir o bebê Johnson – ele continuará ali -, mas tornar possível que se ria um pouco dele; não levando-o tão a sério.

A análise encontra o ponto em que essa fantasia se abre a algo mais, que lhe excede, mas que, ao mesmo tempo, esteve sempre ali. É um tanto de vida, de gozo – como acontecimento corporal-, não mais delimitado pelo imaginário da fantasia. Quando o programa de gozo da fantasia vacila, ele passa a se apresentar assim: sem o sentido fantasmático da repetição. Neste momento, esse acontecimento de corpo não se estabiliza em uma imagem fixa e nem em um sentido específico.

Diante disso, como falar desse gozo sem cair em abstrações? Afinal, é vida concreta – corporal - e também efeito de linguagem, mesmo que não tenha sentido ou forma fixa. É mais *lalíngua*, fragmentos de fala, do que discurso estruturado.

MC escolhe destacar a voz para localizar esse acontecimento de *lalíngua* no corpo. Ela sempre teve, a partir de seu Outro de base, uma voz firme. Um de seus imperativos, diante do ideal bebê Johnson, era sentir-se obrigada a dizer a verdade a todo custo. A expressão que o sintetiza era *cantar las cuarenta*, que significa dizer a verdade, doa a quem doer. O gozo de *cantar las cuarenta* será subvertido por um outro cantar, que ela chama de um *estiramento da voz (esguinche*, também traduzido como entorse). Trata-se de uma modulação específica, talvez só reconhecível por ela. E foi justamente o infantil nela permite o estiramento da voz. Não é um fenômeno objetivo, mas algo que marca o quanto sempre podemos viver o que não necessariamente nos constitui e realiza na vida, mas que, ainda assim, nos habita.

É esse estiramento que ela reconhece como vivo e alegre. No mesmo sentido, podemos pinçar outros tantos nomes: Ondina Machado com *só-rria*³; Silvia Salman com *encarnada*⁴; Marina Recalde com *vitalidade*⁵.

Cada vez mais rio

De vez em quando, no meio da conversa, vem uma fala que subverte. Subverte porque seu referente não tem sentido. Ela não se refere às coisas de nossas vidas, mas ao gozo que nos habita e que não apenas consiste no que vivemos. A fala interpretativa nomeia esse gozo em vez de tentar dar-lhe forma ou sentido e, por isso, abre uma nova página na história. É uma fala que abre páginas.

Essa é uma experiência que, talvez, possamos aproximar de uma alegria. De vez em quando rompemos com o sentido, e é neste instante que vemos como o absurdo da vida só é doloroso porque se esperava o que não há dele: sentido. Não é a alegria de uma liberdade maior. Seria uma ilusão pensar que soltar-se da necessidade do sentido da vida equivaleria à experiência lúdica de uma criança idealizada.

Gozar do absurdo da vida, sim, pode nos deixar mais leves - mas é também viver a vida ao modo como ela se escreveu em nós. Como a chuvarada que deixou detritos, que ressoam e vibram. É concreto. É fixo! As fixações são nossa arma contra o Neoliberalismo.

Lalíngua é feita disso: das marcas - mas também da ressonância dessas marcas no cruzamento entre a lalação e as palavras. A experiência desse fora do sentido do alfabeto da língua em nós não é exatamente alegre, mas é vibrante - dito de outro modo: *lalíngua* ri. Neste ponto, é como afirma Lacan em sua célebre passagem sobre o riso: “Eu me divirto, cada vez mais rio!”.⁶

¹ Cf. Lacan, J. Conferência de Genebra. Opção Lacaniana, n. 23. São Paulo: Eolia, dezembro de 1998, p. 11.

² Girado, M.C. *Um final Aberto*. In https://congresoamp2020.com/pt/el-tema/papers/papers_004-pt.pdf.

³ Testemunho de passe apresentado por Ondina Machado no Enapol de 2025.

⁴ Salman, S. *Ânimo de amar*. Opção lacaniana, nº 58. São Paulo: Eólia, out. 2010.

⁵ Recalde, M. Seminário do Passe. In https://youtu.be/3Mm_kNMiEDk.

⁶ O riso de *lalíngua* não é criança. Forçando um pouco: é gozo trabalhador. Trabalhador não como categoria, mas como trabalho de análise; trabalho de transferência e, também, de transferência de trabalho. É o gozo de quem lida com o inconsciente, que nunca para de repor nos sonhos aquilo que teimamos em jogar fora durante o dia e que, de vez em quando, percebe como é tudo puro absurdo e, em vez de se angustiar, ri. É o riso de se soltar das histórias, mas sem o cinismo tão neoliberal - muito mais de quem não teve opção a não ser se arriscar. Não é o riso do herdeiro, mais do sobrevivente. Forço essa analogia social, não para ter a pretensão de saber ou dizer que vivo algo remotamente parecido com os sobreviventes de nossa cultura, mas para que possamos, de alguma maneira, encontrar ressonância com os que lutam em vez de nos distanciarmos deles. Lacan, J. “Alocução sobre as psicoses da infância”. Outros Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 361.